

século XX. Em suas crônicas ele vai desvelando as várias feições do urbano, inclusive dos diferentes grupos sociais na cidade. Para Benjamin (1994, p. 223) “[...] o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. As considerações até o momento apontam que, por meio das diferentes formas de sociabilidades na cidade, é possível estabelecer novas problematizações sobre a presença das crianças nas ruas, o que demonstra que as crianças vivem para além da convivência existente na escola e no ambiente doméstico e que sua presença na cidade também representa formas de resistências aos enquadramentos normatizadores da cidade disciplinar republicana. Segundo Camara (2010) existia uma forma maquiésta de lidar com os limites estabelecidos entre a rua e a escola. De um lado uma ideia degeneradora da rua como agente de contaminação da população pobre, e, de outro lado uma ideia preservativa da escola como capaz de exercer um papel preventivo dos riscos advindos de um ambiente vicioso e condenável às crianças em formação. As crianças através de suas experiências cotidianas produzem conhecimentos sobre a cidade, inclusive, deslocando o primado da escola como principal referência educativa e de uma determinada presença na cidade. Elas também têm a capacidade de inaugurar outros modos de ocupar as ruas por meio de suas subjetividades. As fotografias descrevem fatos do passado, onde se demonstra evidente a presença das crianças nas cenas das cidades. Não quando já eram previstas a sua participação, quando em muitos cooptadas, mas quando elas surgem de formas pouco prováveis, inesperadas ou espontâneas no cotidiano da cidade. Nem sempre aparecem em primeiro plano, em alguns momentos até distantes ou quase despercebidas. Mas, estão presentes em diferentes contextos e situações da cidade. Ao analisar as fotografias identificamos que algumas delas foram produzidas ora de forma estetizadas, montadas, idealizadas, até mesmo romantizadas. Ora identificamos fotografias que capturam os instantes de momentos de liberdade e espontaneidade das crianças nos espaços públicos das cidades, subvertendo a pretensa ordem das ruas. Sobre a circulação na cidade entendemos que a criança traduz o mundo sob sua perspectiva, através de sua própria experiência. A criança se apropria da cidade através de suas próprias práticas sociais por meio das culturas infantis. As imagens encontradas trazem pequenos fragmentos da vida social que aconteciam nas cidades brasileiras por meio das quais é possível fazer novas interpretações do uso dos espaços públicos por parte das crianças em uma composição fotográfica que mostra um pouco da infância brasileira nesse período histórico. Compreendendo a infância como uma categoria social, entendemos a existência de uma multiplicidade de infâncias. A partir dessa ideia as crianças afetam e são afetadas pelos processos iniciados pelas transformações econômicas, políticas e culturais em curso nas cidades brasileiras. As crianças são constituídas plurais, da mesma forma que as diferentes cidades visitadas através das fotografias. As infâncias brasileiras vão se caracterizando e se constituindo conforme as condições existentes em cada cidade encontrada. Fomos nos deixando implicar pelas fotografias desses cenários onde o urbano ainda convive com o rural em vários dos cenários registrados. Em tese as crianças foram educadas para reproduzir um comportamento segundo os preceitos liberais universais disseminados pelas escolas, então, o que se esperaria é que elas seguissem as regras da cidade moderna. Mas, ao contrário, as imagens nos revelam que

elas também driblaram essas formas impositivas de convivência na cidade, inclusive até mesmo a lente do fotógrafo. As crianças das camadas sociais desfavorecidas, os usos da cidade correspondiam em certa medida àqueles destinados à sua classe social, em que a rua se figurava como lugar de acesso à atividade econômica, inclusive como condição da própria sobrevivência. Mas, também o lugar das brincadeiras, o que em determinados momentos eram combinados. Possibilitar às crianças o “direito à cidade” é a reafirmar a sua participação na vida cotidiana (LEFEBVRE, 2001). É pensar que a (con)vivência intergeracional nos espaços urbanos também tem perspectiva educativa. A infância re(tratada) nas diferentes imagens e contextos como pretende nossa investigação é a possibilidade de fazermos uma problematização de um passado recente buscando novos enunciados nas relações da criança com a cidade. As fotografias testificam de fatos que muitas vezes não são explicitamente documentados textualmente, o que acaba por revelar outros protagonismos. Existem provas de que houve outras maneiras de se viver a(s) infância(s) na cidade e um novo conjunto de possibilidades que estamos pesquisando.

Palavras-chave: infância; cidade; imagens e crianças; Primeira República.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMARA, Sônia. **Sob a guarda da República: a infância menorizada no Rio de Janeiro da década de 1920**. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto. (Org.). **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin Editores, 2007.